

Pedro Du Bois

Via Rápida

Poemas

Faz suas escolhas.

Deixa os acertos apaziguados
dos extremos.

Faz-se menor ao fato:

não atende ao chamado
e o indolor ferimento cria casaca.

A casa longe

da frequência do encontro.

Reorganiza ideias:

sorri o lado de fora e

pensa a rapidez da aurora

onde amanhece em silêncio.

De forma erudita e ao mesmo
tempo sensível para descortinar o cotidiano
das ruas, das pessoas, dos seres. Assim é
Via Rápida.

A violência, a impaciência, os
medos, os extremos, a sensibilidade, a
morte. Via Rápida nos faz caminhar pelo
nosso dia a dia.

Um texto seguro e delicado aguça
a emoção e a percepção do que nos
espera quando estamos numa via rápida
de uma metrópole. Todos os sentimentos
se enlaçam ao ler este livro.

Pedro Du Bois. És um intelectual,
porém, jamais auto-suficiente, é sábio na
elaboração do teu texto, és competente
para escrever e fazer teu leitor entender o
que escreves.

Tive o privilégio de ser convidado
a escrever estas linhas, do que fiquei
lisonjeado. Porém, meu maior privilégio foi
ler Via Rápida antecipadamente à
elaboração gráfica do livro.

Boa leitura.

Marco Antonio Damian
Escritor e Pesquisador.

Pedro Du Bois

Via Rápida



Passo Fundo
2012

Pedro Du Bois

Via Rápida

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2012

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: zanette@zanette.com.br

Disponível no formato eletrônico /e-BOOK.

Do Livro: Poesia, Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2012. 109p.; il.;

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhalqual 3.0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Capa: Silvana Oliveira

Revisão: Tânia Du Bois

Ilustrações poemas: Eduardo Barbosa, exceto a do poema 41, que é de Layla Barbosa

D815v Du Bois, Pedro, 1947-

Via rápida [recurso eletrônico] / Pedro Du Bois. –

Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2012.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-42-4

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I.

Título.

CDU: 869.0(81)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Se escrever é ato solitário, editar o livro
é ato solidário: tenho inúmeros agradecimentos,
todos da mesma – e maior – importância:

ao Eduardo e Layla Barbosa, pelas ilustrações;
à Tânia, pela companhia e revisão;
ao Marco Damian, pelo comentário;
ao Paulo Monteiro, pelo prefácio;
ao Geraldo Fernandes, pelo posfácio;
ao Gilberto Cunha, pela quarta capa;
ao Projeto Passo Fundo, desde sempre,
na figura do Ernesto Zanette, pelo apoio editorial.

Não se conhecem autores que se tornaram conhecidos
por não mostrarem seus textos: a ousadia reside,
pois, na possibilidade de juntarmos todos
os nomes em cada obra
e dela termos em retorno
o livro
em suas leituras.

O Caminho de *Sfiggo*

Paulo Monteiro (*)

“Pedro Du Bois é a Esfinge. Esfinge de carne e osso, mas esfinge. Publicou quase quarenta livros de poemas. Humanamente falando, uma aberração. Vai contra a natureza das coisas. São muitos poemas em termos de um único autor. Nada em termos esfíngicos”, escrevi após ler *Brevidades*, seu livro mais recente. Depois vim saber que os livros de Pedro, já editados, andam ao redor de setenta.

Mais do que um “estereótipo”, como queria Pierre Weill, a Esfinge é verdadeiramente *sfiggo*, o estrangulador. Daí o porque de quase todas as esculturas que representam aquele ser híbrido apresentarem a figura de uma serpente, animal que se notabiliza pela habilidade com que estrangula, antes de devorar, suas vítimas. Daí, o “Decifra-me ou te devoro”...

A Arte não é realidade, mas reflexo da realidade. Nesse aspecto é *sfiggo*.

George Plekhanov, numa conferência cujo centenário transcorre neste ano de 2012, afirma que “(...) a obra poética, e em geral a obra artística sempre dizem algo, porque sempre *exprimem algo*. ‘Dizem’, claro está à sua maneira. O artista exprime sua ideia por meio de imagens, enquanto o publicista demonstra seu pensamento mediante *deduções lógicas*”. (in *A arte e a vida social e Cartas sem endereço*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1969, págs. 31 e 32). Para exemplificar: enquanto Pedro Du Bois se exprime “por meio de imagens”, este prefaciador “demonstra seu pensamento mediante *deduções lógicas*”, que extrai a partir da interpretação das “imagens” poéticas do autor de *Via Rápida*.

Não é à toa que o livro é constituído de 48 poemas, todos eles numerados. Na verdade, esses poemas podem ser reduzidos à condição de cantos de um poema cujo nome dá título ao volume. Ao contrário do hebraico bíblico, aqui as palavras títulos são representadas com números. Esta é outra questão que interessa à Filosofia da Arte, mas transcende ao espaço de um prefácio.

Pierre Weill em *Esfinge: Estrutura e Mistério do Homem* (Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1977), do qual me socorro no momento, afirma que aquela figura antiquíssima é formada de diversos elementos, variáveis em número.

Enquanto *Poièsis* (ficção, mentira) o poema é um conjunto de “imagens”, como demonstrou Plekhanov. E as imagens são os elementos ou partes constituintes do poema, porque neste refletido através do poeta; ou são, também, elementos constituintes do próprio poeta, primordialmente. A criação é um reflexo do criador. Tanto isto é verdade que a Bíblia afirma que o homem foi criado conforme a imagem e semelhança de Deus (Gen. 1.26). Isto porque não estamos tratando da realidade *em si*, mas da realidade enquanto *para si*, uma vez que realidade ideologicamente filtrada. Daí que toda a obra de arte reflete um *espírito de época*. A obra de arte é o verdadeiro “espantalho” de que o “avô” falava ao Autor, no primeiro canto.

1

**Ainda ontem
meu avô falava sobre
seus dias:**

**contava sobre o espantalho
estático
assustando
os pássaros.**

Nos primeiros versos de *Via Rápida* encontramos o único momento, ao longo do poema, em que temos o poeta (em primeira pessoa) presente, de carne e osso. E vemo-lo recordando o avô falando sobre “seus dias”, isto é, sobre sua existência. E o avô “contava” a história de um espantalho (um *sfiggo*) que assustava (estrangulava) os pássaros.

O espantalho, boneco, vestido a caráter de um autêntico agricultor ali estava, na lavoura, movendo-se ao sabor dos ventos, espantando os pássaros que vinham devastar as plantações. Esse primeiro “estereótipo” é uma obra de arte, da qual nossos “avôs” eram exímios artesãos.

O “avô” (passado, ancestralidade, história) é a tese de o Autor (presente, transitoriedade, *em sendo*), o eu poético, é a síntese. Há um

segundo termo, o pai, que está oculto e é, ao mesmo tempo *ser e não ser*, antítese do “avô” e antítese do “neto”.

Leiamos outro canto.

19
O filho
do filho
do seu filho diz

em linguagem pessoal
e intransferível o repetir
da história registrada:

esquece detalhes e o
entalhe inexplicável na madeira.

Aqui, em meio ao poema formado por 48 cantos, reaparecem as três figuras que abrem o poema: o neto (Autor), seu pai (oculto no canto 1) e o avô. Em termos de Lógica Dialética: a síntese, a antítese e a tese. Há um ponto essencial: quem fala, em linguagem pessoal (artística, portanto) não é mais o avô, mas o neto (o Autor), aquele que não tem história porque é o presente, “a via”, o transitando, o a transitar, o existindo. Não é o percorrido, o transitado, o que já passou, o já registrado, o historicamente concluído.

Vemos, pois, uma esfinge de três elementos. Uma espécie de trindade eminentemente humana. E o tipo mais comum de representação arquitetural do estrangulador. E procure o grande estrangulador: a serpente, que aparece, via de regra (e olhem a palavra que abre a expressão feita!), aparece diminuta, como que oculta nas arquiteturas esfíngicas...

Pedro Du Boi é anticartesiano.

Ao “Penso, logo existo”, de Descartes, opõe o “Sinto, logo sou”, de Kierkegaard.

Toda a sua produção poética é a procura do grande mistério do homem: a existência. Por isso, não é um lírico. E não é um épico. É um angustiado.

Impossibilitado de expressar essa angústia, filosoficamente emprega o poema. Seja o poema em verso, seja o poema em prosa. Assim o fizeram todos os existencialistas, de Kiekegaard a Sartre.

Esse fenômeno ou essa prática mereceu um profundo e ainda atualíssimo estudo de Theodor Adorno, sua tese de doutorado *Kiekegaard: Constituição do Estético* (Caracas: Monte Avila Editores, 1969).

É impossível pensar a Existência. Apenas podemos senti-la. Essa é a grande angústia de todos os tempos. A Existência é a lavoura e o rebanho dos quais o espantalho é o guardião, o *sfiggo* dos “pássaros”. De todos os “pássaros”, sejam a águia dos impérios, os pombos ou os chupins. E é isso que vemos nos poemas de Pedro *Sfiggo* Du Bois.

**(*) Paulo Monteiro pertence à Academia
Passo-Fundense de Letras e a diversas
entidades culturais do Brasil e do exterior.
Pratica a Crítica Literária desde 1974.**

Sumário

O Caminho de <i>Sfiggo</i>	9
Sumário	13
1	16
2	18
3	20
4	22
5	24
6	26
7	28
8	30
9	32
10	34
11	36
12	38
13	40
14	42
15	44
16	46
17	48
18	50
19	52
20	54
21	56
22	58
23	60
24	62
25	64
26	66
27	68
28	70
29	72
30	74
31	76

32.....	78
33.....	80
34.....	82
35.....	84
36.....	86
37.....	88
38.....	90
39.....	92
40.....	94
41.....	96
42.....	98
43.....	100
44.....	102
45.....	104
46.....	106
47.....	108
48.....	110
Posfácio.....	111



1

Ainda ontem
meu avô falava sobre
seus dias:

contava sobre o espantalho
estático
assustando
os pássaros.



2

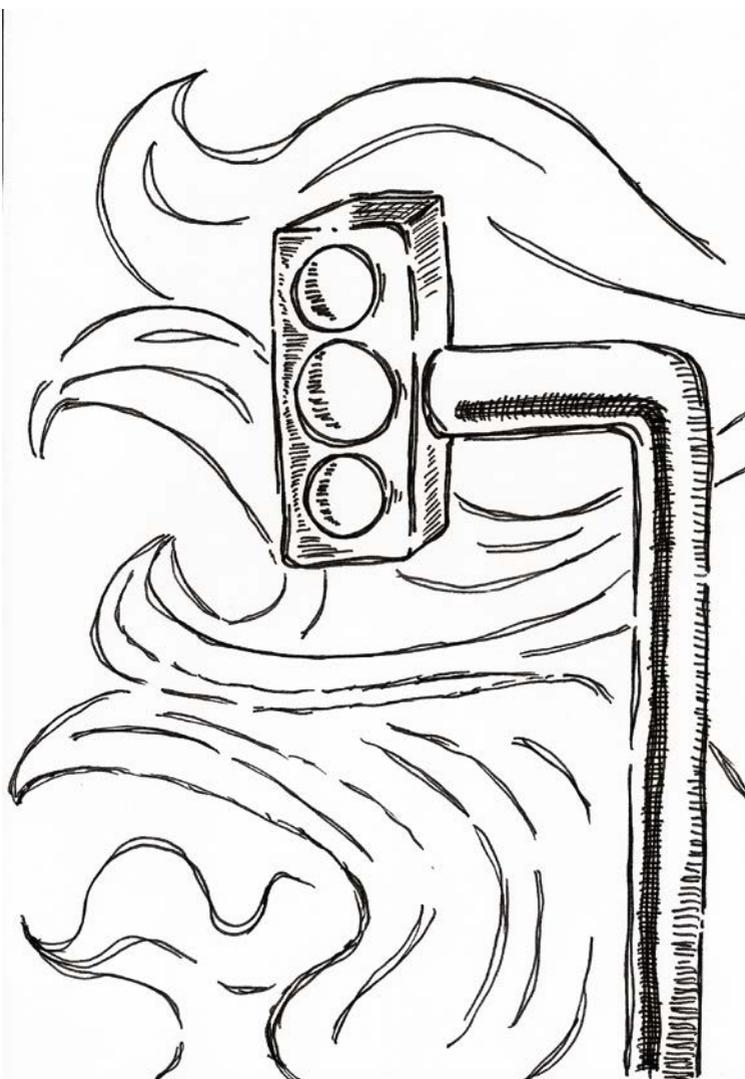
A grama
as árvores
o caminho
a passagem
a pedra
o asfalto
as vias: a sinaleira
 a faixa
 as linhas verdes
 e o radar

repetido nome
 do pássaro.



3

O pássaro
desconectado (pela cidade)
descansa
sobre o alarme
indesejado: a velocidade
dispara o flash.

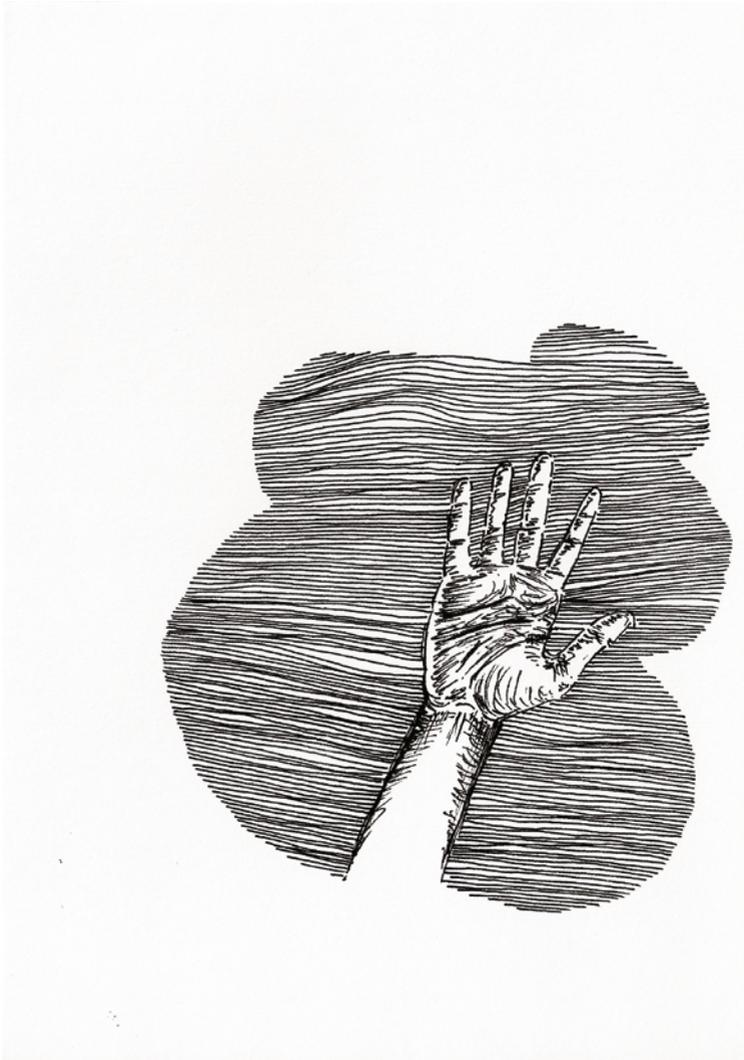


4

Descongestionada hora
de retorno: acelera
o corpo

o sinal fecha
em alerta

(na rapidez do gesto
sabe do regresso:
a antiga cidade
reapresentada no lapso
fantasmagórico
de agora).



5

Quando volta da guerra
tem o mundo
em suas mãos: constrói
a pedra e a massa
dos prédios inexistentes

a rua estreita
prende a atenção
e guarda a hora

desliza o ócio descolorindo
a velhice: a cinzenta paisagem
é recordação da guerra
entre seu mundo e este.



6

Recebe o aviso:
tempo bastante
ao engodo

no abrigo
aguarda o carro

sua voz se eleva
em pedido.



7

Pode chegar

antes do acontecimento:

limpar a casa

repor o gelo

cozinhar

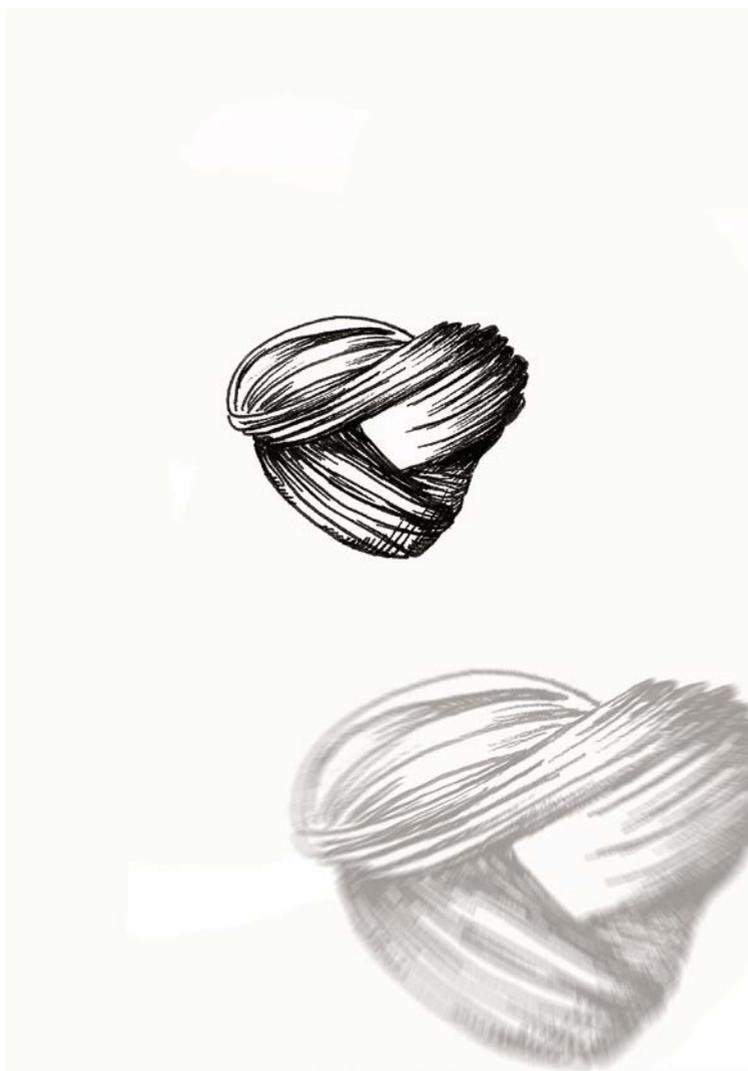
tirar o pó: poeira deixada

pelos carros em disparada

pega o atalho: perde-se

em caminhos indecorosos

de preconceitos e famílias.



8

Mãos ao alto!

A voz se faz ouvir

entre carros

a voz se cala

ao socorro

a voz sorri

a descoberta.

Leve entre nuvens a bruma opaca

da saudade. Sente no corpo

a bala sentenciada.

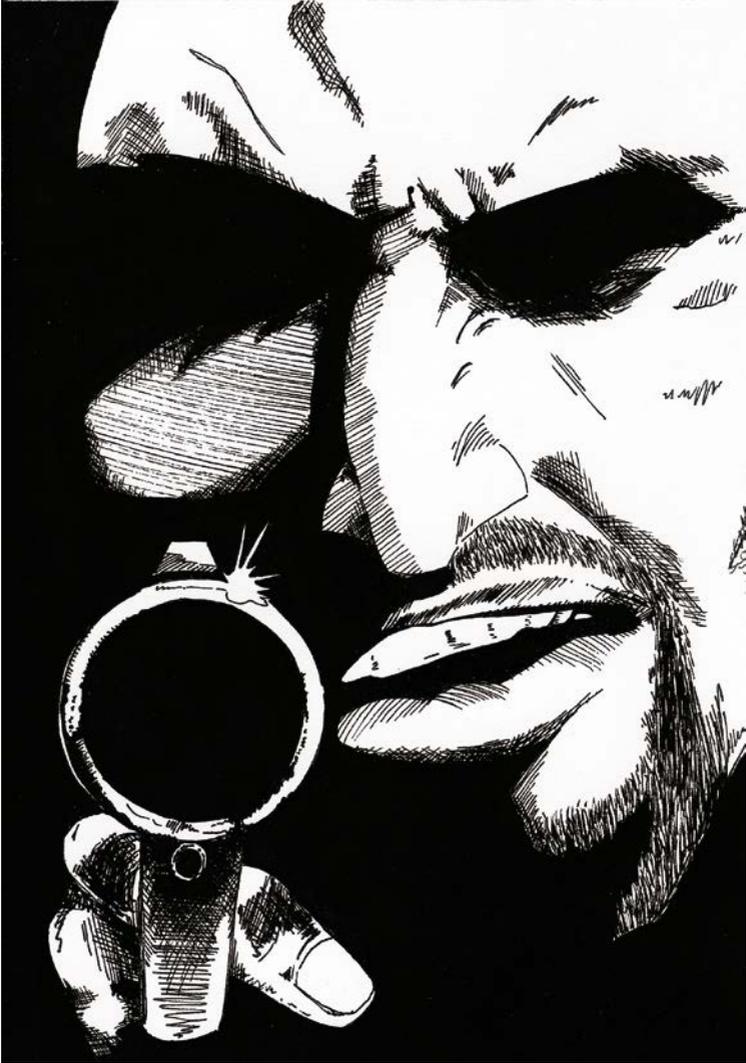


9

Faz suas escolhas. Deixa os acertos
apaziguados dos extremos. Faz-se
menor ao fato: não atende ao chamado
e o indolor ferimento cria casca.

A casa longe
da frequência do encontro.

Reorganiza ideias: sorri o lado
de fora e pensa a rapidez da aurora
onde amanhece em silêncio.



10

Rápido, alcança
a mão alçada em armas

lento, sabe
da impaciência

mediano, pensa
o fechar da cena.



11

Por conta e risco: arrisca
e perde a vida – pela metade –
num acidente estúpido (acidente
geográfico) de última hora.

Metade exposta em fraturas
recupera a vida – pelo avesso –
em recomeço: estradas
desorientam os pássaros.



12

Reza aos deuses
a possibilidade da escolha: tem
negado o acesso ao outro mundo:
desnudado aguarda a chegada
dos guardiões da espera.

Reza no tempo a inexistência
dos deuses: desatendido bifurca
a angústia: ânsia e saudades.



13

Na travessia das serpentes
sente o corpo enlaçado: é tarde
para oferendas

é tarde para negociatas

é tarde para contar do amor

imorredouro

no relento: sabe do veneno
cuidadosamente inoculado.

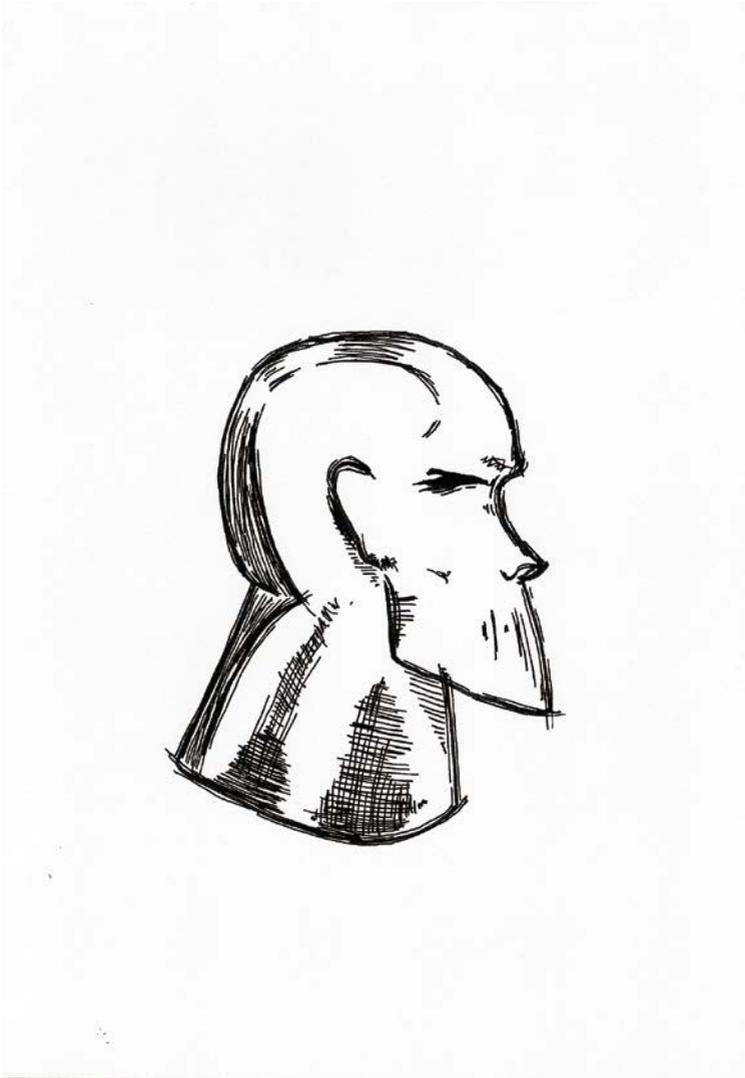


14

Nem bem o corpo cede à terra
o humor e o peso desembaraçado

a rapidez sucede a escolha
do próximo convidado.

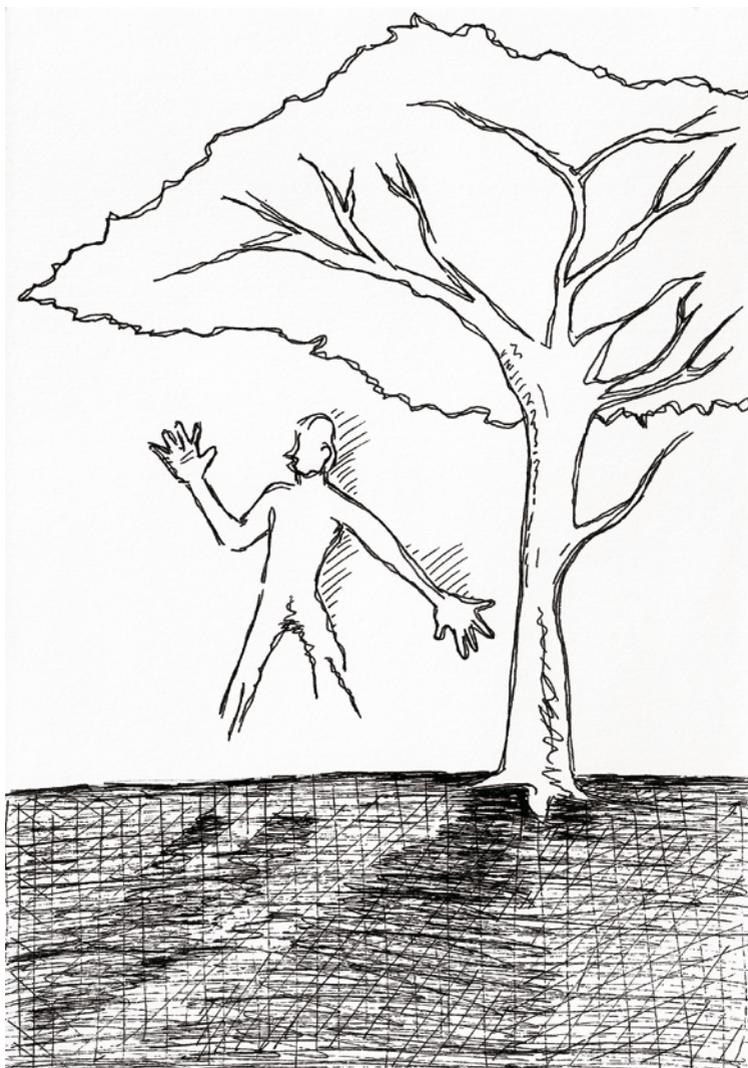
Pontua certezas: incerto
é momento oferecido ao nada.



15

Olha do outro lado: convencido
vê o estanhado corpo
guardando a passagem.

Passa ao largo
e esquece.



16

O gesto encerra o espaço
mãos acenam adeuses:
envolto em silêncio
o corpo se afasta: não revisto
do início ao final do espetáculo

(está vivo – dizem os puristas –
no vento revoltando nas árvores
as folhas. A ilusão dos galhos
revisita a busca).



17

Essa ira
irrespondível
não se completa
antes do inverno: a bondade
e a alegria
passam rápidas.



18

A planta recomposta
em terras estrangeiras

cede ao cansaço
outonal: devolve
as folhas à terra
em oferenda ressecada
dos caules preservados.



19

O filho

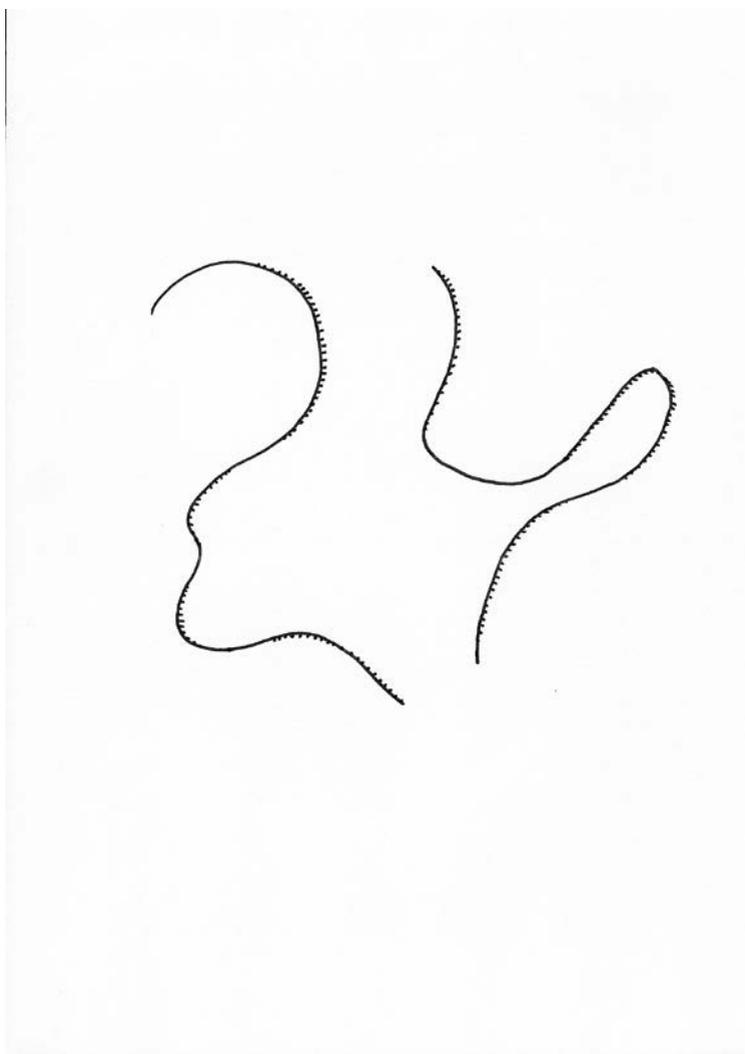
do filho

do seu filho diz

em linguagem pessoal
e intransferível o repetir
da história registrada:

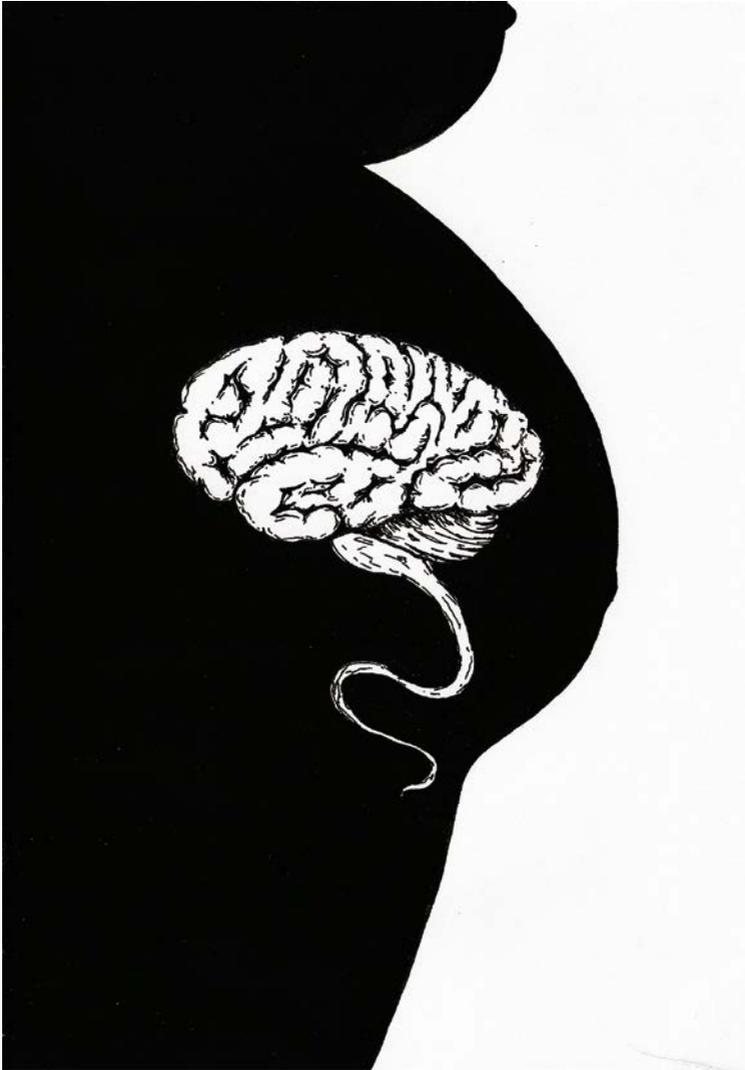
esquece detalhes

e o entalhe inexplicável na madeira.



20

Por vinte e quatro minutos monitorado em sua essencialidade; por vinte e quatro horas, observado em detalhes de sobrevivida; por vinte e quatro dias espera a lua em desditosa faina de acompanhar a terra (menos os dias parados); por vinte e quatro anos preparado ao conhecimento da sobrevivência no emprego acostumado; por vinte e quatro décadas mantém nos pósteros a lembrança; por vinte e quatro centúrias se endeusa em sortilégios; por vinte e quatro milênios igualado em pedras no endurecimento do magma; por vinte e quatro milhões de anos luz se desfaz em ares.



21

Olha a placenta

ecográfica: corpo

apropriado

ao corpo

onde cresce

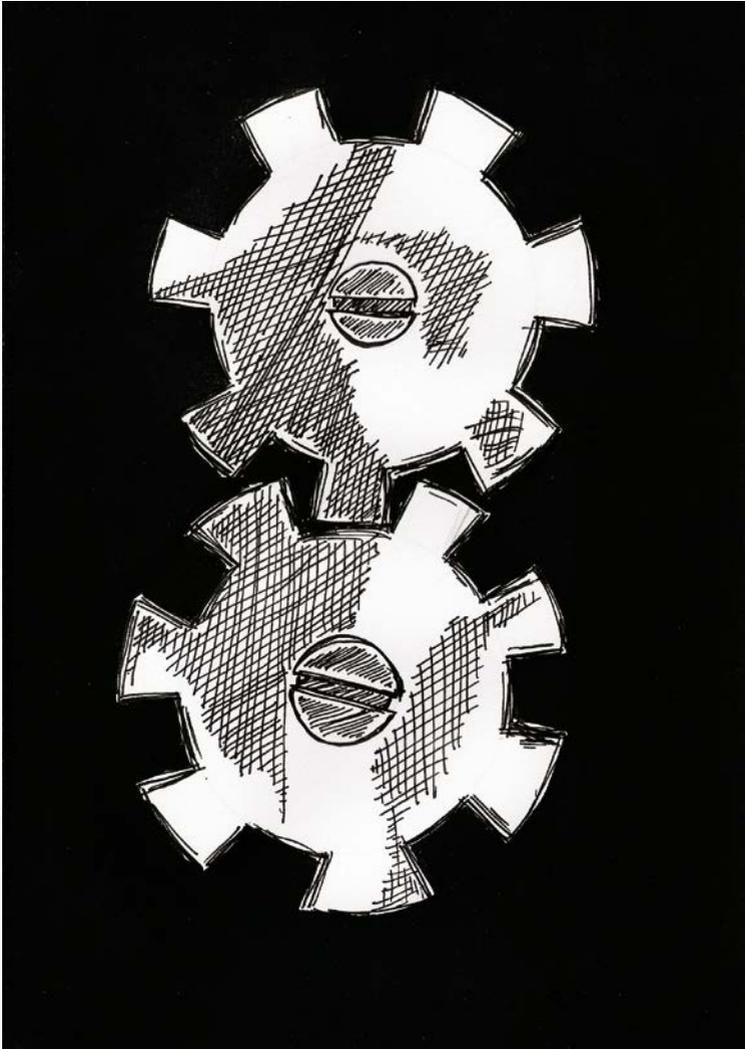
o sangue circula entre

as partes: exterior

absorvido

em formações

não lembradas.



22

O lugar vazio
a máquina desligada
o olhar absorto

a primeira vez

a contestação silenciosa
a constatação do fato.



23

Lembra o balanço
(a menina sentada
inclina o corpo
à frente e os pés
impulsionam os sonhos)
batendo em seu rosto.

Chora a desilusão da materialidade:
entre as árvores, sabe o tempo
(desconexo) de ir embora.

Imagina a fase de se conhecer
no espaço: a solidão o engloba.



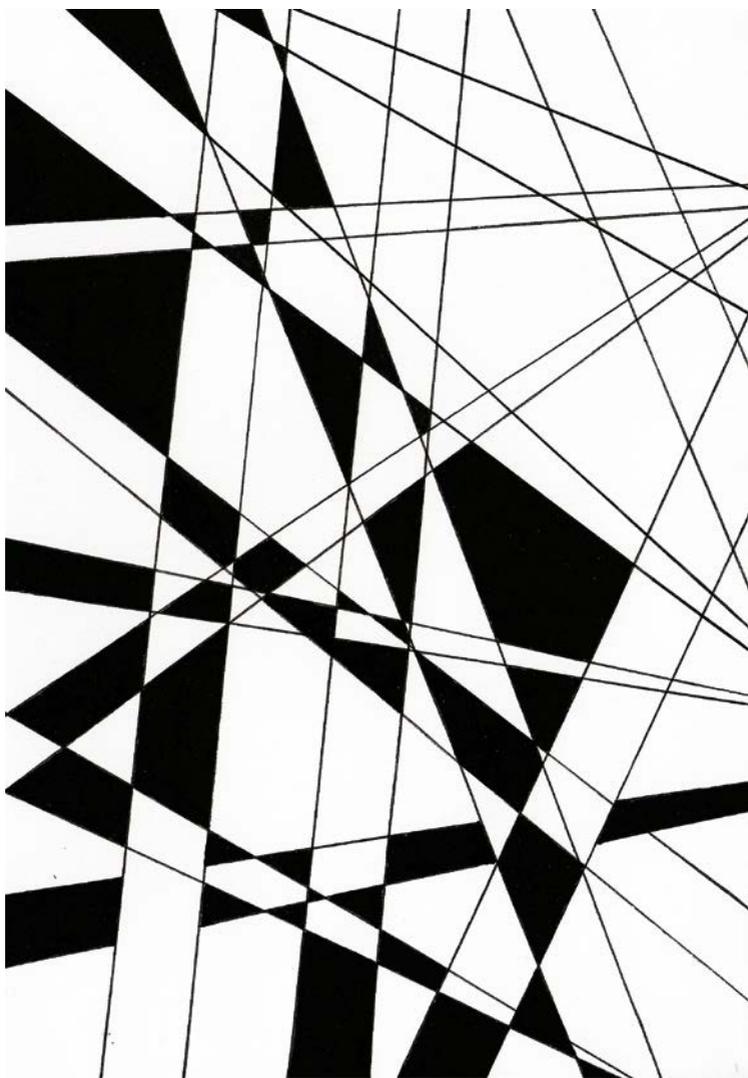
24

Reclama por reclamar: no leito
o rio espreme suas margens

vivas vidas vivenciadas

pedem licença e passam
lembranças ao lado oposto.

Reclama da insegurança
com que se guarda ao despecho.



25

Exigem o traço reto em réguas
dividindo o espaço: a permissão
entre as proibições de sempre

o espaço desregrado do espírito
inquieta: completa a cena
no sarcasmo característico
dos corpos desconstruídos.



26

Encosta o corpo
no corpo vago da passagem

escuta o som sussurrado

com os olhos fechados relembra
acontecimentos: corpos
selados em silêncio.



27

O curto desfazer das notícias:
no bar embebeda o corpo
antes de voltar para casa

(passado)

no bar o corpo bêbado
se faz presente em casa.



28

Rememoração: certa vez encontrou
o futuro irreconhecível em escândalos
de dias aclarados em fatos subsequentes

correu para casa ao relento.

O rebento nasceu naquele dia:
pela noite.



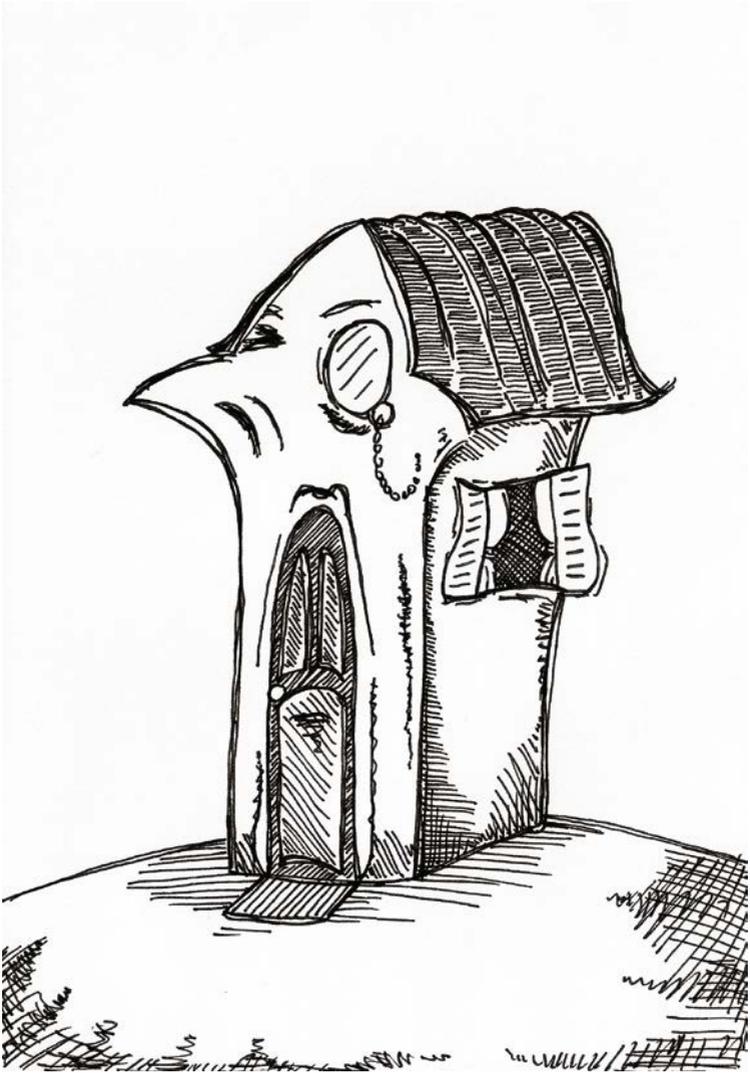
29

Pensa onde poderia
ter guardado o papel
com o endereço: perde-se
em chamas apagadas
no inconstante

o endereço conduz a vontade
ao pote do desejo.

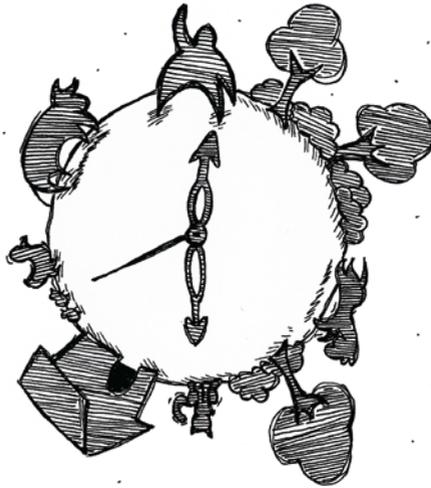
Diferenças e mudanças.

O endereço desencontrado
reduz a vontade ao delírio:
o contato do corpo desfalecido
no encontro.



30

Vista em sua amplitude
a casa demonstra a singeleza
dos seus passageiros (ideólogos
dizem da constância na presença)
e o destino ininterrupto da vida
em essência (a casa é o objeto
com que a rapidez expande o estar
presente aos acontecimentos).

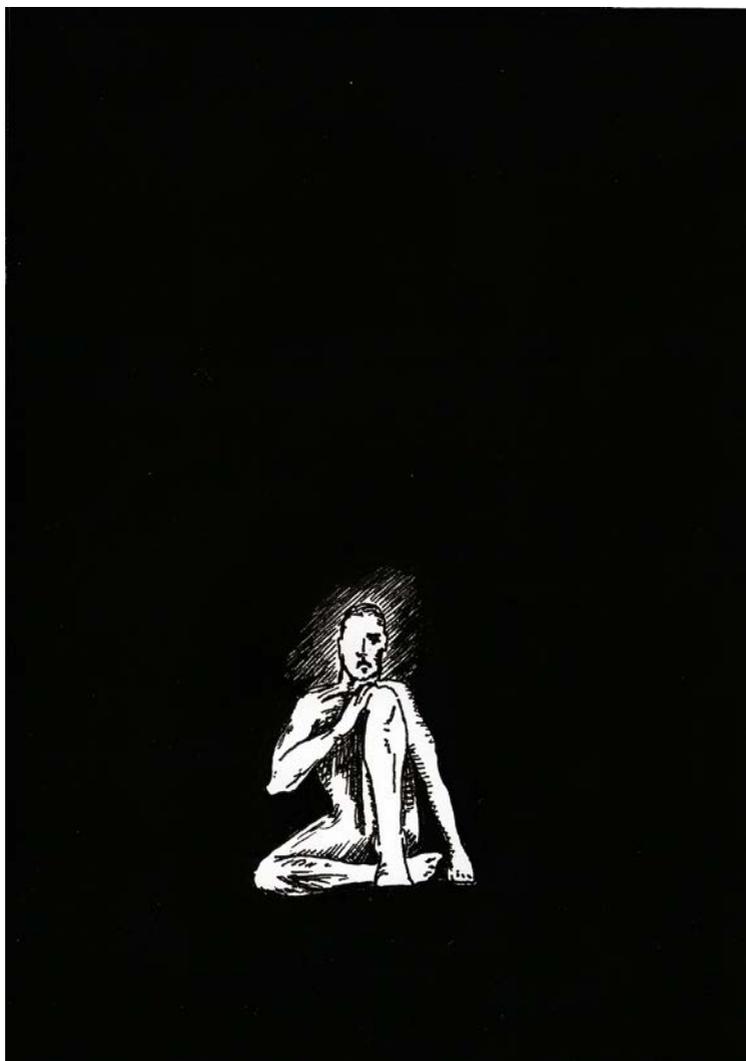


31

Apanhado no abandono brada ao vazio
o silêncio; faz-se ouvir em dimensões
passadas: a árvore o arbusto a floresta
entremeados pela decorrência.

Animais acompanham as mudanças
e se adaptam em teorias obscuras
de renascimentos e sobrevivências.

Nada é mais do que a rapidez
do horário: a transformação dos anos
em eras descobrem o homem.



32

Recobra os sentidos

é dia, da noite guarda

o gesto azedo – a boca

- as roupas

- o cabelo

o lugar é o mesmo (ermo e calado)

vazio de encontros.



33

Na parada de ônibus a chuva
torrencial de outono

o carro para e o motorista convida
para chegar tarde em casa

desce e entra pelo portão
onde o barro suja
os sapatos de sempre.



34

Se reporta à imagem
diante do espelho: revê a idade
conjugada, a cidade
expressada em prédios

sua ruína transborda o pote
e se derrama sobre o piso

repassa a cena:

resfolega o resultado
do vidro opaco e a ele se entrega
em mancha indelével.



35

Sempre o mesmo barulho,
leva as mãos aos ouvidos
surdos
imprecisos
indecisos sobre os sons externos
que o cercam: ouve e sente
escuta
o barulho incessante
das palavras mentidas em gritos:

o futuro recoberto em adjetivos
investidos sobre paredes. Fecha
os ouvidos ao mundo e esquece.



36

Tenta recordar o aprendizado. O câmbio
amortecido e a pisada firme contra o solo.
Desgoverna a razão em lamentos: a água
derramada resseca o piso por onde passou
sua infância. Veio de antes do nascimento.
Veio antes do inverno. Veio antes das palavras
serem criadas. Tenta recolher o fio desenrolado
e o minotauro o aguarda em conhecimentos.



37

Repete os cumprimentos.

Ensacados, ditos
populares amadurecem
no escuro. Nas sacadas
mulheres debruçam
corpos cansados.

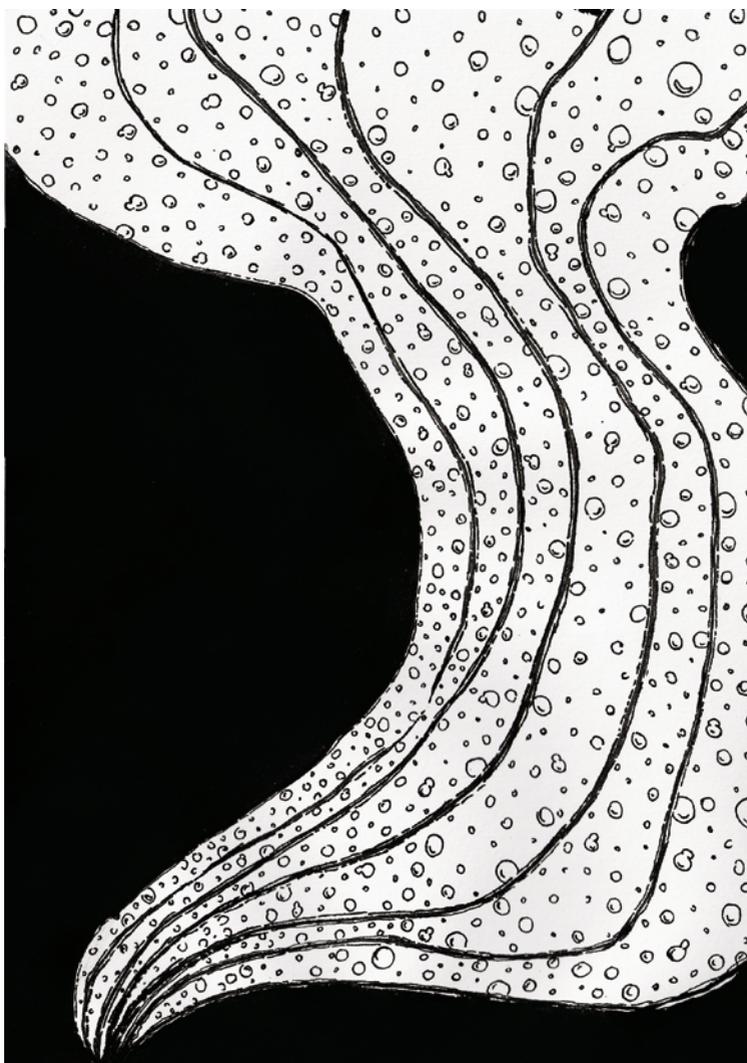
Pássaros cessam
voos e se resguardam
sob regras. Ditos se tornam
impopulares e apodrecem.



38

Tem medo de não ser recebido em casa:
ter a porta fechada e o quarto invadido
em aluguel. A mesa posta sem seu prato,
o retrato retirado. O piano inexistente.
Ser o estranho não reconduzido ao lugar
de antes. Despercebido, ser a incógnita
entre as lágrimas dos presentes.

Tem medo de ser a ausência:
a ambivalência na rapidez
com que mundos se repelem.



39

Antes da pressurização da cabine
confessa o amor
e se lança em abraços:
o oxigênio invade os cérebros
e a circulação sanguínea
leva palavras pelas artérias.

Recorda vagamente
o sentido da viagem.



40

A pomba
sobre a amurada
da futura área de serviço

olha ao redor
na procura
da árvore
concretada
em sua memória.



41

Traduz em verde idade
a vontade irresponsável
de se lançar ao fundo
das oportunidades. Tolhido
ressurge em mundos adultos de responsáveis
homens negociando almas desiguais.

Não chega ser a dualidade
dos fatos não acontecidos.

Barco e timão
tem consigo a tempestade
amainada em cascos de garrafas.



42

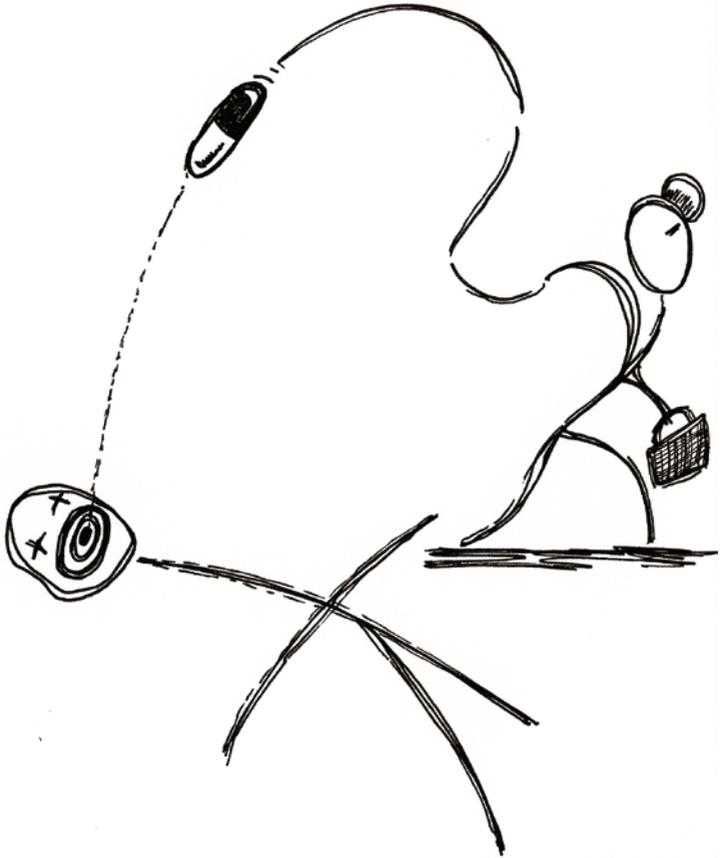
Responde ao oráculo: apresentação de dados sopesados em mistérios.

Responde ao oráculo sobre questões não efetuadas em voz alta. O oráculo conhece a responsabilidade da pergunta em respostas dispostas na obriedade.



43

Passa horas ouvindo a mesma
música. Acostumados compassos
em lapsos de memória. Aprende.
Apreende o sentido. Sorri a escuridão
da cena. Reconcerta o teto em abóbadas
celestes. Desperta da revelação.
Levanta o corpo: levita o momento
que se completa.



44

O médico examina o corpo desfalecido.

Não há perguntas irrespondíveis.

Não há a fatuidade do acaso.

Não há a desunião entre corpo e alma.

O médico receita conhecimento e se ausenta:

medicina recorrida em drogas. O corpo

compreende o esforço e se reanima.



45

Ao menos vai ao lado de fora
da consciência e se diz igual
ao homem transitando ruas:
ser igual na transformação
da hora
em vida.



46

No embevecimento da meia idade
contempla sua vitória e acrescenta
em contas rápidas as dificuldades
superadas. Repete o resultado
em descontentamentos e olha
a imensidão do espaço
disponível ao acaso.

Fecha as cortinas assustado
na antevisão da velhice:
o ocaso o perseguirá em vasos
intercomunicantes de horas passadas.



47

Se a divisão dos bens não é motivo
para brigas, a assunção das dívidas
divide a família: bens oferecidos
em garantia, assinaturas, outorga:
não se falarão por anos.

Não se cumprimentam em acenos
nem meneiam a cabeça em reconhecimento.

Hoje se visitam na regularidade
dos aniversários e dos velórios.

Não falam em bens e dívidas: dizem
das doenças comuns aos velhos.



48

Ao contrário da maioria das pessoas
tem consciência do tempo decorrido:
do espaço ocupado em eventos
que o mantém avivado. Não cultiva
ideias revolucionárias. Apegado ao rigor
da lei se diz temerário ao encontro.
Reza e pede o atraso do descanso.
Diz estar apto ao trabalho de reconhecimento:
distingue as vozes e as cores. A luminosidade
atrapalha as sombras diante dos olhos.

Posfácio

Em passos descompassados e cérebro inoperante, oco, embora sadio, seguia a minha trilha, rumo a não sei o quê. Nesse marasmo, prossegui. E como se não bastasse o vazio da alma, logo adiante, outro obstáculo, desafiador, robusto:

***“No meio do caminho tinha uma pedra / tinha
uma pedra no meio do caminho / tinha uma pedra /
no meio do caminho tinha uma pedra.”***

Precisava contornar esta pedra, pensei. Ou retornar, do nada ao nada. Ao desviá-la, resvalei, cai num profundo abismo e desmaiei. O bloqueio foi vencido. E eu quase, também, com o tombo. Minutos após, acordei. Onde estou? Num labirinto? Preciso encontrar uma saída, mesmo que para o nada.

Aprumo-me e aguço os meus sentidos e logo sinto uma gostosa fragrância de papel, de tinta. Refleti: entrei num livro e não em um labirinto, o que dá no mesmo, pois ambos têm infinitos caminhos, infinitas saídas...

Sigo em frente e logo contemplo, afixada, uma bonita ilustração, e pelo fato de estar isolada, o meu entendimento foi parcial sobre o seu significado. Mais um passo à frente, numa bifurcação, encontro e aprecio um belo poema, tentando me explicar, embora com profundidade, a intrigante imagem anteriormente vista. Estático, contemplo ilustração e imagem e obtenho os frutos da reflexão: entendimento, formosura, fonte de vida, prazer...

Folgo em saber que, pela frente tem mais e mais mensagens. Começo a me animar.

Eis que chego num pequeno cercado do labirinto ou numa página qualquer do livro, como queiram. Aproximo-me e avisto dois arquitetos: um da palavra, outro da imagem. Estão sentados à mesa e sobre ela, miríades de pequenas letras pertencentes e ao uso do poeta; uma pequena lata de tinta e um único pincel, do artista ilustrador.

Eles não me fitam e eu não os interrompo. Sou prudente: precisam de compenetração, os artífices. Aquelas letras, ajustadas, uma a uma, tal qual um quebra-cabeça, e algumas pinceladas, logo se transformarão numa obra de arte, para o nosso deleite, tal qual está me acontecendo agora.

Afasto-me e continuo a me encantar com o que leio e vejo em todas as esquinas.

Eis que encontro a saída. Mas não quero fazer uso dela, por enquanto. Meu corpo pode até optar por sim, mas meu cérebro e meu coração escolhem ficar e percorrer o mesmo e os demais trajetos insinuados pelo autor.

Vale a pena. Que poemas, que imagens! Estou inebriado! Meus neurônios não estão mais ociosos. Meus passos agora são firmes, embora eu tenha adquirido asas, fruto do livro.

Finalmente, comprovei: quem lê, realmente viaja. E cada trajeto torna-se maravilhoso quando se sabe que,

No meio do caminho tem um Pedro / tem um Pedro no meio do caminho / tem um Pedro / no meio do caminho tem um Pedro, Du Bois, o grande poeta.

Geraldo Fernandes, Administrador de Empresas pela UPF, consultor empresarial, palestrante. Chargista e cartunista, sob o pseudônimo Geraldo Passofundo, autor do livro *O Humor no Computador*.
blog: www.geraldopassofundo.blogspot.com



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Pedro Du Bois, poeta e cronista. Passo Fundo, RS, 1947. Residente em Balneário Camboriú, SC. Vencedor do 4º Prêmio Literário Livraria Asabeça. Poesia, com o livro *Os Objetos e as Coisas*, editado pela Scortecci Editora, SP. Tem publicado pela Corpos Editora, Portugal, *A Criação Estética* e, pela Sarau de Letras, Mossorô, RN, o livro *Seres*. Blog: <http://pedrodubois.blogspot.com>

A vida de qualquer um de nós em 48 poemas. Eis a essência de VIA RÁPIDA, o novo livro de Pedro Du Bois.

Das reminiscências das falas do avô, passando pela rapidez do horário que expõe ao homem a antevisão da velhice, até a temeridade do encontro, quando muitos de nós suplicamos pelo atraso do descanso, o poeta transforma em previsível a imprevisibilidade da realidade humana.

Os versos de Pedro Du Bois, pavimentando a VIA RÁPIDA da vida, são convites ao diálogo intimista, especialmente direcionados a quem, como eu (às vezes, confesso) e talvez você, vive o presente como se fosse uma mera nostalgia do passado e o futuro, quem sabe, é não mais que um pretérito imperfeito.

Gilberto R. Cunha

Membro da Academia Passo-Fundense de Letras



Passo Fundo



Domínio Público
Biblioteca Digital Universitária de Passo Fundo

